



## “Você é um *palhaço*, mesmo” – A designação de uma palavra e seu funcionamento como insulto

### “*You are a clown, really*” – *The designation of a word and its functioning as an insult*

Romulo Santana Osthues

Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), Campinas, São Paulo / Brasil

romulo.osthues@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7479-9941>

**Resumo:** Neste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018) e da Análise de Discurso (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015), apresenta-se um gesto de leitura sobre o funcionamento discursivo da palavra *palhaço* produzindo efeito de sentido pejorativo na interlocução entre um dos vereadores e o prefeito de Americana (SP), que discutiram de modo acalorado durante uma audiência pública na Câmara Municipal. Descreve-se o papel da interdiscursividade na metaforização de *palhaço* entre diversificadas formações discursivas e se analisa a designação dessa palavra tomando como material a transcrição da contenda entre os políticos. Esses gestos permitem compreender como a forma *palhaço* é reescriturada por outras integradas ao texto em questão, orientando a argumentação do enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo” na direção de sua interpretação como insulto.

**Palavras-chave:** palhaço; insulto; interdiscurso; memorável.

**Abstract:** In this work, based on the theoretical assumptions of the Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018) and Discourse Analysis (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015), an analytical gesture is presented about the discursive functioning of the word *clown* producing a pejorative meaning effect in the interlocution between one of the councilors and the mayor of Americana (SP), who discussed heatedly during a public hearing at the City Council. The role of interdiscursivity in the metaphorization of *clown* among diverse discursive formations is described and the designation of that word is analyzed using as a material the

transcription of the dispute between the politicians. These gestures allow us to understand how the form *clown* is rewritten by other forms that are integrated into the analyzed text, guiding the argumentation of the statement “You are a *clown*, really” in the direction of its interpretation as an insult.

**Keywords:** clown; insult; interdiscourse; memorable.

Recebido em: 19 de março de 2020

Aceito em: 13 de maio de 2020

## 1 Introdução

“O que é e o que não é *palhaço*” vem tematizando livros, oficinas teatrais, palestras em eventos acadêmicos, vídeos em redes sociais digitais etc., promovendo infindáveis discussões. Isso porque, designadas como *palhaço*, várias personagens foram surgindo ao longo da história e, aqui e ali, a partir de certos acontecimentos, colaboraram na constituição de inúmeras memórias que se atualizam em discursos nos dias de hoje, dentro e fora dos contextos artísticos. Bobos da corte, bufões, arlequins, hotxuás, heyokas, sátiros, lubyets, clóvis, mímicos, brancos, augustos, vagabundos... a lista não termina. Todas essas nomeações, correspondentes a práticas performáticas cômicas mais ou menos distintas entre si, compõem a espessura semântica de *palhaço*, fora as muitas outras que surgem diariamente. Se no interior da palhaçaria<sup>1</sup> já há disputas pelos sentidos de *palhaço*, fora dela, então, não se espera outra coisa. Será difícil haver acordo.

Na fala cotidiana, quem define o que é *palhaço*? Se alguém é chamado de “*palhaço*”, se é *palhaço* em qual sentido? O que determina o sentido de *palhaço* fora da prática palhacesca (no caso apresentado neste trabalho, o de uma cena de insulto)? Bréal (1883, p. 133, *apud* GUIMARÃES, 2005, p. 13), numa crítica a um tratamento puramente etimológico das palavras, salienta a dificuldade de se isolar uma palavra “e traçar sua história, como se ela não tivesse sido coagida, realçada, ligeiramente nuançada ou completamente transformada pelas outras

---

<sup>1</sup> “Uma dramaturgia do palhaço que diz respeito a seu espetáculo e a características particulares de sua forma de atuação”, conforme Reis (2013, p. 21).

palavras do vocabulário, no meio das quais ela se encontra colocada e das quais recebe a influência próxima ou longínqua”. Levando essa crítica a sério, observemos o quanto *palhaço* já “sofreu” – e sofre – como palavra, o quanto *palhaço* é uma palavra “sofrida”.

De um lado, empregada para designar o circense cujas práticas cênicas provocam, entre outras reações, a risadaria de uma plateia, ela também é constitutiva de discursos vários cujos efeitos de sentido não são propriamente cômicos: há figuras palhacescas que têm a melancolia e a poesia como motes de sua atuação nas praças públicas ou nos teatros; outras, pelos vieses da perversão e do crime, ganharam notoriedade, por exemplo, em produções cinematográficas; tantas outras, em espaços de dor e conflito social, como hospitais e zonas bélicas, instauram instantes de alguma poesia possível nesses lugares. Em suma, há um sem-número de sujeitos interpretando-se palhaços para um outro, produzindo sentidos de *palhaço* os mais distintos.

De outro lado, *palhaço* vem sofrendo (simbólicos) tapas, trapaças, rasteiras como palavra. *Palhaço*, em nossa formação social, recorrentemente presente no espaço de disputas políticas, para citar apenas alguns exemplos, ora designa aquele sujeito que foi ridicularizado, ludibriado, “feito de bobo”, ora aquele que não se deve respeitar – por sua conduta, por ser uma “pessoa pouco séria que se comporta de modo ridículo e com pouca dignidade”.<sup>2</sup> Se um sujeito faz uma ultrapassagem indevida no trânsito, alguém logo grita “ei, *palhaço*, onde comprou sua carta?” Se um chefe fala algo interpretado como impróprio por seu liderado, em um contexto empresarial: “Como pode esse *palhaço* dizer aquelas barbaridades na reunião com a diretoria?”

Nos termos de Bréal (1883, *apud* GUIMARÃES, 2005), poder-se-ia entender que esses empregos de *palhaço* dentro da prática artística e fora dela foram “nuançando” a significação de *palhaço* ao longo de uma “história de enunciações” nas quais *palhaço* ganha certas camadas de específicas cores – e não outras.

---

<sup>2</sup> Esse é o modo como *palhaço* está dicionarizado, *on-line*, no Houaiss (disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>). Também encontramos outros registros do uso dessa palavra que são importantes para a compreensão do objeto deste trabalho: “pessoa fácil de ser enganada” (Michaelis); “pessoa que fala e faz coisas engraçadas: *Era o palhaço da turma*” (Aulete). Respectivamente, disponíveis em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/palha%C3%A7o/>; <http://www.aulete.com.br/palha%C3%A7o>. Acesso em: 2 out. 2019.

## 2 A enunciação de *palhaço* como insulto

A fim de analisar e compreender como *palhaço* produz efeitos de sentido insultivos, proponho um diálogo produtor, sem desconsiderar suas diferenças constitutivas, entre duas disciplinas dos estudos da linguagem que se ocupam com os processos de enunciação e significação: a Análise de Discurso (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015) e a Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018). O ponto nodal que me servirá de perspectiva é a visada dessas disciplinas sobre o funcionamento da memória na produção de sentidos, o *interdiscurso*: “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2013, p. 31).

Com Pêcheux (2015, p. 158), destaco que não existe, inicialmente, uma estrutura sêmica do objeto *palhaço* e, posteriormente, “aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas<sup>3</sup> (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso”. Não há, portanto, uma “naturalidade artística” de *palhaço* que o faria ser, em seguida, objeto de metáforas insultivas, de denúncias políticas, criações literárias etc. Para o autor, a produção discursiva de objetos<sup>4</sup> como *palhaço* circulam por essas diferentes formações discursivas sem que qualquer uma delas possa ser considerada sua origem. Ele diz:

---

<sup>3</sup> Para o autor, a formação discursiva seria “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 147, grifos do autor).

<sup>4</sup> Em seu texto, o autor usa como exemplos os objetos “toupeira”, “balão livre” e “estrada de ferro”, refutando uma naturalidade “zoológica” ao primeiro e uma naturalidade “técnica” aos seguintes.

O interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2015, p. 158).

Compreender esse funcionamento nos permite observar o quanto o objeto *palhaço* é simbolicamente farto, metaforizando-se entre formações discursivas diversificadas e produzindo múltiplos efeitos de sentido – muitos dos quais são motes de polêmicas infundáveis. Não são nada raros os materiais em que *palhaço* se textualiza, colocando-nos diante de sua ampla equívocidade, ou seja, a capacidade de ele se abrir para a significação de tantas e variadas formas nas mais diversas formações sociais e discursivas, segundo processos de identificação também vários. Não à toa, cotidianamente, deparamo-nos com cartazes de shows musicais e peças de teatro, charges, memes, desenhos animados, filmes, videocliques, máscaras em protestos etc. em que o objeto *palhaço* está presente sendo significado desigualmente.<sup>5</sup>

Guimarães (2017), que se ocupa com os processos do/no acontecimento da enunciação, sugere que não se confundam a memória de sentidos – *interdiscurso* – com o passado no acontecimento – *memorável*. Para ele, o memorável é o modo como uma história de enunciações se temporaliza no acontecimento da enunciação, que cruza enunciados de discursos diferentes em um texto. O interdiscurso, segundo o autor, seria esse cruzamento. “A enunciação, então, se dá como lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade. Deste modo, aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 68).

Ainda para o autor, “o sentido não é efeito da circunstância enunciativa, nem é só memória. O sentido são efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 70). Quando um indivíduo ocupa uma posição de sujeito no acontecimento (do lugar de onde se fala, fala-se *como* esposa, motorista, prefeita, aluno, avó etc.), a língua

---

<sup>5</sup> Confira análises de alguns desses materiais em: Osthues (2019); Benayon, Osthues e Lagazzi (2019); Anjos e Osthues (2020).

se põe a funcionar por ser afetada pelo interdiscurso. Do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, para que a palavra *palhaço* signifique e produza efeitos de insulto – e não de constatação, por exemplo –, é preciso que um passado a faça significar como tal. “O passado é, no acontecimento [da enunciação], rememoração de enunciações”, diz o autor (GUIMARÃES, 2017, p. 17). Há, segundo ele, uma “latência de futuro” que projeta sentido no acontecimento e significa por recortar um passado como memorável.

Por esse ângulo, é importante ressaltar que existe uma sutil diferença no modo como a Análise de Discurso e a Semântica do Acontecimento<sup>6</sup> trabalham a noção de *interdiscurso*, a memória de sentidos (STEIGENBERGER; MACHADO; SCHREIBER DA SILVA, 2011). Para a primeira, o interdiscurso seria aquilo que propiciaria uma atualização – o sentido é produzido quando *um passado é trazido ao presente*. Na Semântica do Acontecimento, com a noção de memorável, *encontra-se um passado no interior de um presente*, orientando o dizer (a argumentação) ao futuro (de outras enunciações). “Não se trata de um antes discursivo. É o passado pensado de maneira enunciativa e de acordo com o tempo do acontecimento. [...] Interessa a memória que foi recortada e não a rede de enunciações de um antes” (SCHREIBER DA SILVA, 2012, p. 4).

Trocando em miúdos, observe que, no acontecimento de um enunciado tal como o já citado “Ei, *palhaço*, onde comprou sua carta?”, produzido numa situação de exaltação no trânsito e endereçado a um interlocutor que conduz um veículo irresponsavelmente, *palhaço* recorta um memorável de *trapalhada, desordem, confusão*. Outras situações como a descrita, embora diversamente configuradas (na escola, em casa, na relação entre namorados, no time de futebol etc.), serviram de cenário para enunciações em que *palhaço* recorta o memorável afim.

Agora, se nos voltarmos à situação hipotética de um funcionário que considera a fala de seu chefe inapropriada para uma reunião com uma diretoria empresarial, veremos que o memorável recortado é outro. Em “Como pode esse *palhaço* dizer aquelas barbaridades na reunião com a diretoria?”, recorta-se um memorável de que certos sujeitos falam coisas *despropositadas, disparatadas, sem decoro*. Não é o mesmo memorável daquele que foi recortado no exemplo anterior.

---

<sup>6</sup> O que chamo de Semântica do Acontecimento é nomeada de “Semântica Histórica da Enunciação” por Steigenberger, Machado e Schreiber da Silva (2011).

Já discursivamente, tendo em conta a metaforização de um objeto nas mais diversas formações discursivas, consideraremos que a memória de sentidos é o que permite que *palhaço* seja significado em diferentes discursos a partir de inúmeras posições de sujeito, possibilitando que discursos *da* palhaçaria como prática artística (o efeito do pré-construído do cômico que ludibria o outro num picadeiro, que lhe dá tapa na cara, chutes e pontapés, que gagueja, troca palavras, dispara palavrões etc.) constituam, junto aos discursos *sobre* a palhaçaria (como as enunciações insultivas, de protesto, de denúncia etc.), os sentidos de *palhaço* em circulação.

Postas as relações de semelhança e dessemelhança entre as duas teorias que lastreiam este artigo, voltemo-nos ao episódio que tomará nossa atenção daqui em diante e ao material sobre o qual nos debruçaremos para produzir nosso gesto de leitura.

### 3 Uma designação de *palhaço*

Em Americana, cidade do interior paulista, o vereador Gualter Amado (PRB) nunca foi artista circense, não protagonizou filmes de terror, tampouco andava protestando nas ruas com um nariz vermelho no meio do rosto. Apesar disso, segundo o prefeito Omar Najar (MDB), ele “é um *palhaço*, mesmo”. Durante uma audiência pública na Câmara Municipal,<sup>7</sup> em 27 de fevereiro de 2019, para a discussão sobre as metas fiscais da cidade, do terceiro quadrimestre de 2018, em meio a um bate-boca entre os dois políticos, Gualter foi designado “palhaço”, “idiota”, “boboca”, reputado por “fazer palhaçada” e “falar um monte de bobagem”.

A audiência pública caminhava para seu final quando o prefeito, cuja presença não se esperava naquela sessão, foi citado pelo vereador, que lhe sugeriu explicar ações de sua gestão em relação às contas públicas. Omar Najar, então, ao ter espaço concedido para falar, começa a se referir ao vereador e a seus questionamentos de maneira exaltada. O debate se dá conforme a transcrição a seguir:<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> A discussão circula na internet (portais de notícias, blogs e redes sociais) por meio de pequenos vídeos editados a partir de uma transmissão ao vivo da TV Câmara de Americana. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_IEK\\_pw9jFs](https://www.youtube.com/watch?v=_IEK_pw9jFs). Acesso em: 2 out. 2019.

<sup>8</sup> Essa transcrição se refere ao trecho do vídeo que se inicia em 1:37:00 e termina em 1:42:52, quando os microfones de Gualter Amado e Omar Najar são desligados. Os negritos e itálicos são destaques meus. Não houve correção das falas dos políticos

[**Omar Najjar**] É um prazer estar aqui. Obrigado pelas palavras que... Mas eu não podia deixar de vir aqui porque eu não sei se as pessoas não querem entender ou querem fazer demagogia. Essa história que eu dispensei médico, não dispensei médico nenhum. Médico pediu a conta porque era obrigado a bater cartão. Eles recebiam 10, 12 mil reais por mês lá da prefeitura. É isso que o vereador tinha que falar, e não **falar besteira**. Essa história... “dispensou 150 médicos”... Eu não dispensei nenhum. Todo médico saiu de lá porque tinha que bater cartão obrigado por lei. Agora, se eu contrato uma empresa pra atender a saúde, não pode. Vou ter que ficar atrás de médico. Outra coisa... vem falar do dinheiro do DAE. O dinheiro do DAE, nós pegamos o dinheiro pra fazer face a situações que se encontrava a prefeitura. Nós tiramos 20 e tinha... sobrou ainda 29 no caixa. Então, nós não limpamos dinheiro de DAE nenhum. Chega de **fazer palhaçada**. Vai lá saber as verdades. Nós não encobrimos nada como outros governos encobriram e não passavam informação para a Câmara de Vereadores, e fizeram esse estrago que fizeram em Americana. Tá duro de aguentar **essas palhaçada**. “O prefeito é culpado de tudo”. E vocês, vereadores, são culpado do quê? Que liberaram 70 milhões pra aquele outro prefeito. É essa a responsabilidade com Americana. Não **ficar fazendo picuinha, enchendo o saco dos outro**. Prefeitura tá aberta pra qualquer vereador pegar qualquer hora que quiser. Agora, **ficar fazendo estrago, fazendo bobagem, querendo aparecer na televisão?** Vá pro inferno! **Isso não é coisa de gente decente**. Chega, porra! Vamo trabalhar juntos com Americana ou vamo enterrar de uma vez. Cês pensam que é brincadeira viver o dia inteiro com um facão na cabeça, que o... o... o Tribunal de Contas quer... O... o secretário não disse... Hoje, a lei diz que eu sou obrigado a deixar 3,65 do orçamento, eu sou obrigado a recolher de precatório. Isso representa 35 milhões de reais de governo de Tebaldi, de governo de Frederico, de governo de Carrol Meneghel, de governo de todos que passaram aí. Veja se o... o... o... o governo de Omar Najjar tem um precatório. Eu não fiz nenhum precatório. Agora, vai entrar precatório de contas do outro prefeito que saiu daqui, que existe porque não pagou um monte de fornecedores. Sacou... a Câmara deu um cheque em branco pro outro prefeito de 70 milhões de reais, e ele veio propor nessa câmara aqui que ia pagar precatório, mas ele não pagou um precatório. O dinheiro que veio pra essa prefeitura pra se gastar em creches e em outros... ah... setores do município foi desviado e eu tô sendo obrigado a devolver sob pena de não receber mais o fundo de participação. Vai lá administrar pra ver se é brincadeira dia e noite. Eu nunca passei isso na minha vida. Ainda tem

---

envolvidos na discussão. As hesitações estão representadas por reticências, e o trecho que não pude transcrever foi substituído por [ininteligível]. Quando os enunciados dos políticos se atravessam, represento as interrupções com //.

que aguentar desaforo? Não é assim que se faz, pô. Bom senso é bom senso. Agora, querer misturar alhos com bugalhos, pra mim, não serve. Vem insistir toda hora “ehhh... vinte milhão da DAE”. Ora, o dinheiro é da prefeitura! Enquanto o outro lava uma conta só, fazia o que queria, nenhum se levantou. O senhor era cidadão de Americana. Por que que o senhor não levantou, não foi no Ministério Público? Pode responder a hora que o senhor quiser, porque **é palhaçada o que cê tá fazendo. Você é um palhaço, mesmo!** Pode responder que eu tô aqui pra escutar sua conversa.

[Gualter Amado] Bom... primeiramente, o senhor tem que ter mais educação.

[Omar Najar] Eu não tenho educação com você.

[Gualter Amado] Aqui, o senhor tem que ter educação pra falar aqui.

[Omar Najar] Vá pro inferno você!

[Gualter Amado] Aqui não é a casa da mãe Joana.

[Omar Najar] É da mãe Joana... de você, **idiota!**

[Gualter Amado] Aqui não é a casa da mãe Joana. O senhor não pode vir aqui e destratar vereador//

[Omar Najar] Eu faço o que eu quiser aqui!

[Gualter Amado] // do jeito que o senhor tá falando.

[Omar Najar] **Boboca!**

[Gualter Amado] Seu mal-educado!

[Omar Najar] **Boboca!**

[Gualter Amado] Mal-educado! O senhor pensa que é o que aqui?

[Omar Najar] Você pensa o que quiser!

[Gualter Amado] Pensa que é o quê? Nós tamo discutindo aqui é dinheiro, dinheiro//

[Omar Najar] Discutindo? Isso aqui não é assunto pra discutir aqui?

[Gualter Amado] // dinheiro público! Aqui, nós estamos discutindo dinheiro público!

[Omar Najar] Ô, idiota! Isso aqui não é assunto pra discutir.

[Gualter Amado] Isso aqui é assunto, sim.

[Omar Najar] Não é!

[Gualter Amado] Faz parte...

[Omar Najar] Nós viemo apresentar o [ininteligível] daqui.

[Gualter Amado] Faz parte do balancete dessa cidade.

[Omar Najar] O senhor vem puxar conversa que não tem nada a ver//

[Gualter Amado] Faz parte, sim.

[Omar Najar] // com essa audiência. Essa audiência não tem nada a ver.

[Gualter Amado] Tem muito a ver. Essa audiência é pra falar sobre metas fiscais.

[Omar Najar] Não tem! Meta fiscal é uma coisa!

[Gualter Amado] Tem, sim! Aqui, ó!

[Omar Najar] O senhor não veio falar de DAE. O senhor veio **falar um monte de bobagem!**

[Gualter Amado] Eu falo o que eu quiser aqui.

[Omar Najar] Eu também falo o que eu quiser! Eu sou o prefeito!

[Gualter Amado] Mas o senhor não pode desrespeitar. O senhor como prefeito, como homem público, não pode vir aqui desrespeitar vereador.

[Omar Najar] Eu não tô desrespeitando! Eu estou desrespeitando um idiota igual a você.

[Gualter Amado] O senhor chamou “*palhaço*”. Você me mandou ir pro inferno.

[Omar Najar] Você é um **idiota!**

[Gualter Amado] Você tá me chamando de idiota.

[Omar Najar] Você não sabe nem fazer conta, rapaz!

[Gualter Amado] Ah! “Eu não sei fazer conta”? Ha!

[Omar Najar] Fala o que você quer falar!

[Gualter Amado] Aqui, aqui, não é a casa da mãe Joana.

[Omar Najar] Vai, Joana! Vamo, Joana! Fala o que cê quer falar!

[Gualter Amado] Aqui não é sua fábrica!

[Omar Najar] Fala o que cê quer falar!

[Gualter Amado] Aqui, tem que comprovar da onde vem o dinheiro.

[Omar Najar] Vai comprovar! Vai lá ver! O senhor tem todo o direito de ver. Não precisa **ficar fazendo escândalo**, não!

[Gualter Amado] Eu não tô... quem tá fazendo escândalo é o senhor!

[Omar Najar] É você, **idiota!**

[Gualter Amado] O que o senhor tá fazendo aqui então? [...]

Por uma delimitação necessária, atendo-me à análise do material transcrito pelo objetivo de descrever o funcionamento semântico-linguístico a partir de noções específicas da Semântica do Acontecimento, voltando meu olhar, precisamente, para a enunciação de *palhaço* como insulto. Em outras oportunidades, poder-se-ia tomar, do mesmo modo como se faz com a língua, as demais materialidades em composição no vídeo como texto.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Uma ressalva: embora eu tenha usado a transcrição da discussão entre o prefeito e o vereador para realizar as análises, não se pode, claro, apagar as materialidades sonora (oralidade da língua em sua enunciação, os elementos prosódicos etc.) e visual (os gestos corpóreos sobressaltados dos sujeitos na discussão, a formulação visual que resulta do enquadramento dado pelo cinegrafista etc.), que significam de modo específico, em composição, às quais se tem acesso ao assistir ao vídeo publicado pela TV Câmara de Americana.

Compreendo como *palhaço* funciona no material considerando como fundamentais as noções de *designação* e *reescrituração*. Parto do enunciado “Você é um palhaço, mesmo” para a compreensão de seu sentido e do sentido de *palhaço* (sua designação) conforme a palavra está integrada a ele. “Uma palavra, uma expressão significam por estarem integradas em um enunciado que é enunciado por integrar-se a um texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 151). Isso quer dizer que qualquer elemento de um enunciado pode se referir a algo quando está na relação com esse enunciado. E esse elemento referente a algo significa justamente por essa relação, produzindo um sentido para o elemento. Esse sentido resultante é o que, junto a Guimarães (2018, p. 152), chamarei “designação de uma palavra”.

Assim, é preciso observar como a designação de *palhaço* está funcionando no enunciado com base na sua integração com o texto acima. “Ou seja, não há como considerar que uma forma [*palhaço*] funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto” (GUIMARÃES, 2017, p. 9). E do enunciado como unidade de análise para sua articulação no texto, é necessário, num segundo momento, partir para a compreensão do processo discursivo do qual esse texto se faz um exemplar, uma sua peça constitutiva. Como nos ensina Orlandi (2013, p. 70), ele não é nem um ponto de partida nem um ponto de chegada apenas: “Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui”.

O negrito aplicado a certos enunciados e palavras na transcrição objetiva destacar quais outras formas estão se relacionando com “Você é um *palhaço*, mesmo”, produzindo sentidos para o enunciado e, mais nuclearmente, para a palavra *palhaço*. Desse jeito, observa-se como a forma *palhaço* aparece referindo, integrada ao enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo”, que, por sua vez, se integra ao texto. Sob uma “aparência de substituíbilidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 36), as formas “falar besteira”; “fazer palhaçada”; “essas palhaçada”; “ficar fazendo picuinha”; [ficar] “enchendo o saco dos outros”; “ficar fazendo estrago”; [ficar] “fazendo bobagem”; [ficar] “querendo aparecer na televisão”; “não é coisa de gente decente”; “**é palhaçada o que cê tá fazendo**”; “idiota”; “boboca”; “falar um monte de bobagem”; “ficar fazendo escândalo” se relacionam com *palhaço* pela textualidade. “Os conjuntos de modos de

referir organizados em torno de um nome são um modo de determiná-lo, de predicá-lo. E neste sentido é que constituem a designação do nome em questão” (GUIMARÃES, 2017, p. 36).

O processo de reescrituração se dá quando a enunciação de um texto rediz incessantemente o que já se disse. “Ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2018, p. 38), atribui o que a própria reescrituração recorta como passado, como memorável. Do início ao fim da intervenção do prefeito, vai-se construindo uma argumentação de *palhaço* que orienta para sua interpretação como insulto. Ao se referir a certos gestos do vereador como “essas palhaçada”, tem início uma cadeia significativa que vai orientando a argumentação, especialmente pela determinação de *palhaçada*, que também determina o sentido de *palhaço*, cujo efeito sobre o vereador é o de ataque – vide enfurecimento crescente dele ao longo da fala do prefeito (para tanto, assista ao vídeo).<sup>10</sup>

O acontecimento de “palhaçada” recorta o memorável de um ato de palhaços ou dos efeitos desse ato. Na prática artística, um esquete atuado por essa figura é uma *palhaçada*, assim como uma piada contada também o é; uma trama ardilosa para trapacear o parceiro de cena também é *palhaçada*, assim como o exibicionismo frente a todos, a derrisão, a provocação, a molestação da plateia etc. Para que o prefeito designe como *palhaçada* os gestos do vereador – “**é palhaçada o que cê tá fazendo**” –, ocorrem algumas reescriturações.

Por substituição, podemos afirmar que as seguintes expressões reescrevem “fazer palhaçada”. A reescrituração por substituição produz uma relação de sinonímia, que não significa uma igualdade de sentido, mas uma atribuição de sentido (uma determinação semântica) de uma expressão à outra:

falar besteira > ficar fazendo picuinha > [ficar] enchendo o saco dos outros >  
 ficar fazendo estrago > [ficar] fazendo bobagem > [ficar] querendo aparecer  
 na televisão > ficar fazendo escândalo > falar um monte de bobagem...

... é *fazer palhaçada*.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_IEK\\_pw9jFs](https://www.youtube.com/watch?v=_IEK_pw9jFs). Acesso em: 2 out. 2019.

E o que “fazer palhaçada” não é? “Isso não é coisa de gente decente”. Anaforicamente, “Isso” reescritura “fazer palhaçada”, já reescriturada pelas demais expressões que a substituem, predicam-na no texto. Se fazer palhaçada implica todos os demais atos atribuídos semanticamente ao que fazer palhaçada refere, temos que “fazer palhaçada não é coisa de gente decente”. Dizer que *uma gente é decente* recorta o memorável de que há quem mereça mais respeito que outros, que se é digno de honra por agir com virtudes como discrição, honestidade e integridade. Fazer palhaçada (querer aparecer, falar bobagem, encher o saco etc.) não seria um gesto de decência. E se o vereador *faz palhaçada*, ele *é um palhaço*, ele *não é decente*. Desse modo, *palhaçada* é predicada pejorativamente, predicando *palhaço*, que designa, por fim, o vereador (também de maneira grosseira). Acompanhe:

“Isso” [fazer palhaçada [exibir-se, molestar etc.]] “não é coisa de gente decente”  
 palhaçada é o que palhaços fazem  
 os palhaços não são decentes  
 “palhaçada é o que cê” [o vereador] “tá fazendo”  
 você não faz coisa de gente decente  
 você não é decente  
 “você é um *palhaço*, mesmo”

Já predicada de maneira depreciativa, determinada semanticamente pela *palhaçada* que não é “de gente decente”, a designação de *palhaço* atribuída ao vereador – também predicada pelo operador argumentativo reforçador “mesmo” – continua sendo determinada ao longo da enunciação: por substituição, “boboca” e “idiota” (repetidas vezes) reescreveram e atribuem sentidos para *palhaço*, recortando o memorável de tolice, abobamento e ignorância.

Interdiscursivamente, ressaltado que “boboca” e “idiota” são formas presentes nos mais diversos discursos e funcionam, com certa regularidade, produzindo efeitos pejorativos também. Não é “gratuitamente” que elas ocorrem como reescrituras de *palhaço* na integração do texto em questão. Outra visada interdiscursiva pode ser a de considerar que certas práticas palhacescas apostam em narrativas nas quais as personagens mantêm uma postura “augusta”.

Há uma distorção que domina a recepção da palhaçaria. Existe uma tradição clássica de relacionamento entre duplas de palhaços em que o chamado augusto assume uma *postura mais boba, ingênua e desengonçada* que se contrapõe ao identificado como branco, que tem uma postura mais elegante, pretensamente inteligente e autoritária, tanto em sua relação com o augusto quanto com a plateia. As pessoas, hoje, tanto artistas como espectadores, têm uma noção que associa todo palhaço à imagem do augusto (REIS, 2013, p. 28, grifos meus).

Embora esse modo de atuação seja muito mais uma partitura fluida do que uma camisa de força para certos palhaços (da condição de subalternidade do augusto, um palhaço pode muito bem “virar o jogo” e se tornar o branco da vez), conforme aponta Reis, há uma dominância da circulação de discursos que significam os palhaços como augustos. E os augustos, regularmente, em cena, são (ou se fazem por) idiotas, bobocas. Parafrasticamente, “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (ORLANDI, 2013, p. 36). O modo como “idiota” e “boboca” designam *palhaço*, que designa o vereador Galter Amado, pode ser observado nestas paráfrases:

o palhaço é um idiota  
 o palhaço é um boboca  
 “você é um palhaço, mesmo”  
 você é um idiota, mesmo  
 você é um boboca, mesmo

Para uma ilustração esquemática do modo como as reescrituras de *palhaçada* se articulam às de *palhaço* e, assim, determinam os sentidos de *palhaço*, segue um diagrama de seu Domínio Semântico de Determinação (DSD). Ele abarca as relações de atribuição de sentidos entre as palavras de um texto que se está por analisar. Para tanto, é usada uma escrita específica. Os sinais  $\top$ ,  $\perp$ ,  $\vdash$ ,  $\dashv$  representam que uma palavra/ expressão determina outra palavra/ expressão na direção apontada. Por exemplo: *idiota*  $\dashv$  *palhaço* (lê-se *idiota determina palhaço* ou *palhaço é determinado por idiota*).

DSD – *palhaço*

	não é coisa de gente decente		
	⊥		
falar besteira	Isso	[ficar] fazendo bobagem	
ficar fazendo picuinha	⊥	[ficar] querendo aparecer na televisão	
[ficar] enchendo o saco dos outros	┌ palhaçada ─┐	ficar fazendo escândalo	
ficar fazendo estrago	⊥		falar um monte de bobagem
idiota	┌ palhaço ─┐	boboca	

#### 4 A sustentação de um insulto que se abre ao equívoco

A argumentação é uma relação de linguagem que, para ser interpretada, exige a remissão ao interdiscurso como memória do acontecimento da enunciação. E se uma posição de sujeito delimita uma região do interdiscurso, ela também decide esse “argumento”. É como prefeito (“Eu também falo o que eu quiser! Eu sou o prefeito!”) que Omar Najar designa Gualter Amado *palhaço*. E esse argumento – Gualter Amado é um *palhaço* – não é uma referência a um fato do mundo, ele funciona na e pela linguagem. Segundo Guimarães (2005, p. 78), “um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação)”.

Argumentar é orientar um dizer: a orientação da forma *palhaço* no texto em que ela funciona produz o efeito pejorativo, interpretado como insulto. O sujeito, ao dizer a um outro que tal é *palhaço*, está descrevendo uma conduta, apontando um modo de o outro se portar. Assim, descreve-se um modo de identificação do outro que é tal repulsivo/condenável/ repreensível etc.: o que o outro faz não se leva a sério, é efeito de uma atuação abjeta (*palhaçada* > ato de *palhaço*), na qual há alguém intolerável como autor (*palhaço* > idiota, boboca). Kristeva descreve com admirável requinte o modo como uma abjeção pode tirar o sujeito do sério:

Há, na abjeção, uma dessas violentas e obscuras revoltas do ser contra aquilo que o ameaça e que lhe parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante, jogado ao lado do possível, do tolerável, do pensável. Está lá, bem perto, mas inassimilável. Isso solicita, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se desvia. Enojado, ele rejeita. Um absoluto o protege do opróbrio, com orgulho a ele se fia e o guarda. Mas, ao mesmo tempo, mesmo assim, esse elã, esse espasmo, esse salto é lançado em direção de um outro lugar tão tentador quanto condenado. Incansavelmente, como um bumerangue indomável, um polo de atração e de repulsão coloca aquele no qual habita literalmente fora de si (KRISTEVA, 1980, p. 9).<sup>11</sup>

Do que é capaz, então, o sujeito fora de si habitado pela abjeção? Insultar. Discursivamente, a argumentação está mobilizada pelo gesto de interpretação, esse que pode ser perceptível ou não tanto para o sujeito que argumenta quanto para seus interlocutores – aquele que profere *palhaço* como insulto, aquele que se afeta por ele –, mais precisamente, pelo seu efeito de sentido em dadas condições de produção (os sujeitos, a circunstância de enunciação, o contexto sócio-histórico e ideológico) e pelo modo como essa forma acontece em sua enunciação, determinada por outras formas do texto no qual está integrada. A orientação insultante, a direção dos sentidos cujos efeitos são pejorativos, é decidida por esse gesto, o que decide, afinal, a direção do sujeito (ORLANDI, 2007, p. 22).

Segundo Barbaí (2018, p. 667, grifos do autor), o insulto é um “*locus* privilegiado para se pensar a responsabilidade para com os sentidos, com os efeitos de seu ato, na cidade”. O episódio da discussão entre Omar Najar e Gualter Amado ilustra a diferença, o confronto,

---

<sup>11</sup> “Il y a, dans l’abjection, une de ces violentes et obscures révoltes de l’être contre ce qui le menace et qui lui paraît venir d’un dehors ou d’un dedans exorbitant, jeté à côté du possible, du tolérable, du pensable. C’est là, tout près mais inassimilable. Ça sollicite, inquiète, fascine le désir qui pourtant ne se laisse pas séduire. Apeuré, il se détourne. Ecœuré, il rejette. Un absolu le protège de l’opprobre, il en est fier, il y tient. Mais en même temps, quand même, cet élan, ce spasme, ce saut, est attiré vers un ailleurs aussi tentant que condamné. Inlassablement, comme un boomerang indomptable, un pôle d’appel et de répulsion met celui qui en est habité littéralement hors de lui” (KRISTEVA, 1980, p. 9). A tradução referida é de Allan Davy Santos Sena e está disponível em: [https://www.academia.edu/18298036/Poderes\\_do\\_Horror\\_de\\_Julia\\_Kristeva\\_Cap%C3%ADtulo\\_1](https://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADtulo_1). Acesso em: 7 out. 2019.

o conflito operando em certas práticas discursivas. É um exemplar do funcionamento do político na língua, que produz tensão entre interlocutores, pois “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações”, diz Orlandi (1983, p. 139). E completa: “se há sentido em se falar em dois ‘eus’, é no sentido de que há conflito na constituição dos sujeitos”.

Nesse caminho, refletir sobre a equívocidade de *palhaço* é, também, refletir sobre *o que não se diz* quando *palhaço* vem à tona como insulto. *Palhaço* ocupa o lugar de que outro objeto linguístico? Quais seriam outras formas de insultar que Omar Najjar encontraria para depreciar Gualter Amado que *palhaço* não é capaz de metaforizar? Barbai nos diz:

depreciar é negar ao outro o **lugar** que ele ocupa no mundo. Não se nega aqui a presença do outro. Ele está lá e por isso ele aparece sob a força da injúria. Tem-se assim no discurso o ato, a intenção de rejeitar alguém, ou alguma coisa. É o rejeito, um resto que se quer ejetar e exterminar que faz irrupção. O que se materializa aí, na boca, é um asco, um objeto indizível, que se corporifica materialmente em palavra: você é um lixo, lixo humano. Cospese a língua na cara do outro. Tem-se um palavrão, uma palavra irônica, que ao invés de matar (a palavra mata a coisa, dizia Lacan), descarta (BARBAI, 2018, p. 674, grifos do autor).

Aproveitando-me da formulação de Barbai, poderíamos dizer que “você é um lixo humano” poderia metaforizar “você é um *palhaço*, mesmo”? A troca de acusações, com ânimos exaltados frente a uma plateia que, provavelmente, estava dividida entre o regozijo e o constrangimento, bem se parecia com uma vasculha por um aterro sanitário, uma busca por palavras-lixo.

Parto da ideia de que o insulto é uma articulação violenta do verbo. Em seu coração, nesse ato, há a liberação de um dizer impronunciável, em direção a alguém. Um insulto atinge as identidades, a história, um povo. O insulto é a palavra que não deve passar pela nossa boca, ou seja, palavrões, interditos de línguas, ironia e riso praticados no laço social, na cidade. O insulto é, portanto, um lixo de palavra, um asco de voz e dizer, um abjeto de língua e tecnologias, que se joga no outro, o semelhante (BARBAI, 2019, s/p).

## 5 Considerações finais

Foi como insulto que a designação de *palhaço*, que acontece no embate entre os citados prefeito e vereador americanenses, foi compreendida. Acompanhamos o funcionamento insultante desse significante que materializa, no acontecimento de uma enunciação (em uma discussão acalorada), uma abjeção ao outro. Para tanto, foi tomado como material de análise a transcrição de um trecho da audiência pública na qual se deu a contenda, descrevendo-se como o processo de reescrituração de *palhaço*, no interior do texto analisado, determina os sentidos dessa palavra, produz efeitos pejorativos e orienta a argumentação para uma interpretação como insulto do enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo”.

A título de arremate, ainda encorajado pela maneira como Barbai compreende o insulto, afirmo que o sentido de *palhaço*, constituído a partir de uma abjeção de um pelo outro, do prefeito pelo vereador de Americana, torna sua forma um objeto simbólico que *se joga contra o outro*, o semelhante, na e pela língua, para atingi-lo. A enunciação de *palhaço*, e as reescriturações que a determinam integradas ao texto, naquelas condições de produção, então, causariam danos à reputação do vereador Gualter Amado, enfim, por meio de “um asco de voz e dizer” (BARBAI, 2019) proferido pelo prefeito Omar Najar.

São reflexões possíveis frente à compreensão da ampla equivocidade do *palhaço* como objeto simbólico, levando-se em conta que sua inscrição em dadas formações discursivas permite esse nuançamento (BRÉAL, 1883, *apud* GUIMARÃES, 2005). Ou seja, permite que *palhaço* seja significado pelos sujeitos de diferentes modos, produzindo, inclusive, os efeitos pejorativos sobre os quais aqui se lançou luz para sua visibilidade como insulto. Vimos como a interdiscursividade é a premissa para que esse objeto simbólico possa ser significado diferentemente em discursos variados, seja nas práticas artísticas ou não. A partir da transcrição da discussão entre os políticos americanenses, observamos que a designação de *palhaço*, para funcionar como insulto – produzir efeitos de sentido que insultem – recorta o memorável de tolice, abobamento e ignorância atribuídas a esse objeto, e que demanda uma interlocução: o insulto precisa de um alvo no qual atirar sua história de enunciações, que se temporaliza no acontecimento da enunciação de “você é um *palhaço*, mesmo”.

O insulto funciona diferentemente, por exemplo, de uma imprecação (uma locução blasfêmica), que, para Benveniste (1989, p. 261), seria “uma palavra que se ‘deixa escapar’ sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desventura”. Para o autor, a imprecação, mesmo tendo sentido, seria “somente expressiva” (portanto, “não-comunicativa”, direcionada a outro sujeito). O insulto, pelo contrário, não “escapa” – qual um cachorro malcriado, por simples descuido de seu dono. O insulto, cão adestrado pela abjeção, *é liberado* para atacar. Quando o insulto sai do canil, não há focinheira que impeça estragos.

### **Agradecimentos**

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai (Labeurb/Nudecri/Unicamp) a interlocução sobre o funcionamento do insulto durante suas aulas e na leitura deste texto. Este trabalho foi possível com o auxílio de bolsa de pesquisa oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **Referências**

- ANJOS, L. S.; OSTHUES, R. S. Em cartaz, cheiro de pobre (morto): uma necropolítica textualizada na composição entre diferentes materialidades significantes. *In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO (SEAD)*, 9., 2019, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2020. p. 1-6.
- BARBAI, M. A. No dizer, um asco de palavra: o insulto. *In: SOUSA E ABRAHÃO, L.; ISHIMOTO, A.; DARÓZ, E.; GRACIA, D. (org.). Resistirmos, a que será que será que se destina?* São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 663-676.
- BARBAI, M. A. *Programa da Disciplina JC-005/Jornalismo, Ciência e Tecnologia (Labjor/Unicamp)*. Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/?mestrado-disciplinas=jc005-a>. Acesso em: 6 out. 2019.
- BENAYON, F. R.; OSTHUES, R. S.; LAGAZZI, S. Paródia e deslocamento de sentidos: a Tropa de Nhoque entra em cena. *Fragmentum*, Santa Maria, v. 54, p. 49-70, 2019.

BENVENISTE, E. A blasfêmia e a eufemia. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989. p. 259-262.

BRÉAL, M. Les lois intellectuelles du langage. Fragment de sémantique. *Annuaire de l'Association pour l'Encouragement de Études Grecques en France*. Paris: Maisonneuve et Cie, Libraires-Éditeurs, 1883. p. 132-142.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

KRISTEVA, J. *Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

OSTHUES, R. S. Um decalque da cena prototípica: corpo, panela, nariz de palhaço (re)traçados na memória. In: ADORNO, G.; MODESTO, R.; FERRAÇA, M.; BENAYON, F.; ANJOS, L.; OSTHUES, R. (org.). *O discurso nas fronteiras do social – uma homenagem à Suzy Lagazzi*. Campinas: Pontes, 2019. p. 159-184.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes, 2015.

REIS, D. *Caçadores de Risos: o mundo maravilhoso da palhaçaria*. Salvador: Edufba, 2013.

SCHREIBER DA SILVA, S. O memorável na relação entre línguas. *Web Revista Discursividade*, [S.l.], n. 9, p. 1-6, jan./jul. 2012.

STEIGENBERGER, F. F.; MACHADO, J. C.; SCHREIBER DA SILVA, S. Fronteira entre análise de discurso e semântica histórica da enunciação: abordagens teóricas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 51-79, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.19.2.51-79>